

100º Aniversário: As aparições do Anjo em Fátima

por Frère Michel de la Sainte Trinité

As três grandes manifestações angélicas do Anjo da Guarda de Fátima tiveram lugar na Primavera, Verão e Outono de 1916. Não se conhece a data exacta porque, como escreveu a Irmã Lúcia:

“...nesse tempo, eu não sabia ainda contar os anos, nem os meses, nem mesmo os dias da semana.”

Porém, recordando-se do tempo que estava no exterior, pôde indicar a estação em que cada uma das aparições teve lugar. Lúcia já tinha feito nove anos, Francisco tinha pouco mais de oito, e Jacinta tinha apenas seis anos.

Sou o Anjo da Paz

Lúcia e os seus primos, Jacinta e Francisco, levaram as ovelhas para o lado de leste do Cabeço. Eis a descrição que a Irmã Lúcia fez dos acontecimentos:

“Aí pelo meio da manhã, começou a cair uma chuva miudinha, pouco mais que orvalho. Subimos a encosta do monte, seguidos das nossas ovelhinhas, à procura de um rochedo que nos servisse de abrigo. Foi então que pela primeira vez entrámos nessa caverna abençoada. Fica no meio dum olival pertencente a meu padrinho Anastácio. Avista-se dali a pequena aldeia onde nasci, a casa de meus pais, os lugares da Casa Velha e Eira da Pedra.

“Aí passámos o dia apesar da chuva haver passado e do sol se haver descoberto lindo e claro. Comemos a merenda e rezámos o Terço... eis que um vento forte sacode as árvores e faz-nos levantar a vista para ver o que se passava, pois o dia estava sereno; e eis que começámos a ver, a alguma distância, sobre as árvores que se estendiam em direcção ao Nascente... um jovem, de catorze ou quinze anos, mais branco que se fora de neve, que o sol tornava transparente como se fora de cristal, e duma grande beleza.

“Estávamos surpreendidos e meio absortos, e não dizíamos palavra. Ao chegar junto de nós, disse:

‘Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo.’

“E ajoelhando em terra, o Anjo curvou a fronte até ao chão. Levados por um movimento sobrenatural, imitámo-lo, e repetimos as palavras que lhe ouvimos pronunciar:

‘Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos! Peço-vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam!’

“Depois de repetir isto três vezes, ergueu-se e disse:

‘Orai assim. Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas.’

“E desapareceu.”

Não é comovente ver o Anjo fazer a cada um o mesmo pedido: “Orai comigo”? Que resposta maravilhosa!

A devoção aos Santos Anjos estava muito viva em Portugal naquele tempo; por isso, os espíritos celestes estavam longe de ser desconhecidos dos três pastorinhos. De manhã e à tarde, invocavam os seus Anjos da Guarda, que velam por nós noite e dia. Que ele possa estar sempre em nossa companhia!

O que poderia estar mais em harmonia com a grande tradição das aparições de Anjos do que as primeiras palavras do Anjo de Fátima: *“Não temais! Sou o Anjo da Paz”*? Fazem lembrar as palavras do Evangelho. No templo de Jerusalém, na casa de Nazaré ou nos campos de Belém, tal como na entrada para o túmulo de Jesus, a presença do Anjo enche sempre de espanto as testemunhas, que ele deve começar por tranquilizar. *“Não temais!”* diz ele a Zacarias e à Santíssima Virgem, aos pastores na noite da Natividade, e às santas mulheres na manhã da Ressurreição.



O Padre Gruner explica as aparições do Anjo de Fátima no local onde apareceu.

A respeito do seu aspecto, a Irmã Lúcia afirmou que se parecia como um jovem de grande beleza, com 14 ou 15 anos, mais branco do que a neve e resplandecente com uma luz cristalina, de tal modo que quando o Cónego Barthas lhe perguntou, “como era ele?” ela resumiu a sua resposta nesta expressão lacónica: “*Era de luz.*”

Aqui temos também uma expressão completamente bíblica. O Anjo que anunciou a Ressurreição de Cristo, relata S. Mateus, tinha o aspecto de um relâmpago e a sua túnica era *branca como a neve*. (Mt. 28:3) E o mesmo Evangelista, descrevendo Nosso Senhor transfigurado no Monte Tabor, disse: “O Seu rosto resplandeceu como o sol, e as Suas vestes tornaram-se *brancas como a neve.*” (Mt. 17:2) “Deus é luz, e n’Ele não há trevas.” (1 Jn. 1:5), e sempre que Se digna manifestar-Se aos homens, pelo ministério de Anjos ou por mediação da Sua Santa Mãe, aparece-nos vestido de esplendor, segundo os belos versículos do Salmo: “Ó Senhor, meu Deus, como Vos engrandecestes! Revestido de honra e majestade, *coberto de luz como com uma veste.*” (Salm. 104:2)

Em Fátima, depois de cada uma das aparições (que, além disso, ocorriam sempre ao meio-dia, o que também é notável), a palavra “*Luz*” vem sempre aos lábios dos videntes. A esta luz tão brilhante, que por vezes se torna ofuscante, corresponde à intensidade da atmosfera sobrenatural, o peso inescapável da Presença Divina que inibe, quase paralisa, as faculdades naturais. A Irmã Lúcia escreveu:

“A atmosfera de sobrenatural que nos envolvia era tão intensa que quase não dávamos conta da própria existência. Permanecemos por um grande espaço de tempo na posição em que o Anjo nos tinha deixado, repetindo sempre a mesma oração. A presença de Deus sentia-se tão intensa e íntima que nem mesmo entre nós nos atrevíamos a falar. No dia seguinte sentíamos o espírito ainda envolvido por essa atmosfera, que só muito lentamente foi desaparecendo.

“Nenhum de nós pensou em falar desta aparição nem em recomendar segredo. Ela de si o impôs. Era tão íntima, que não era fácil pronunciar sobre ela a menor palavra. Fez-nos talvez também maior impressão, por ser a primeira assim manifesta.”

A Irmã Lúcia disse-nos que Francisco não tinha o privilégio de ouvir as palavras do Anjo; os outros tinham de lhes repetir. Acontecia o mesmo com todas as outras aparições. Podemos, todavia, dizer que ele era favorecido com o essencial, a visão celestial e as graças infusas que lhes eram penetradas nas almas. Porque o Anjo não vinha apenas falar com eles; vinha também enchê-los com uma graça mística muito elevada, pela qual eles sentiam-se penetrados pela Presença Divina. Lúcia descreveu isso:

“Esta aparição do Anjo, e tudo o que ele disse e fez era tão íntimo, tão interior, tão intenso! Além de ser Mensageiro de Deus, o Anjo também parece ter sido para nós quem mediou e revelou a Presença Divina.”

A Presença de Deus é algo de estupendo, até mesmo esmagador, para as nossas fracas faculdades humanas. Mas este “aniquilamento perante a Presença Divina,” para usarmos a expressão da Irmã Lúcia, era para os três futuros mensageiros de Nossa Senhora, a escola mais segura da verdadeira e profunda humildade, que é, em primeiro lugar, o conhecimento íntimo da santidade infinita de Deus e do nada da criatura.

Além da mensagem que os videntes começaram logo a pôr em prática, “a partir daí, costumávamos passar muito tempo prostrados como o Anjo, repetindo as suas palavras, até ficarmos às vezes estafados.” A visita do Anjo também obteve para eles graças íntimas de paz e alegria em Deus:

“A paz e felicidade que sentimos eram grandes, mas totalmente interiores, porque as nossas almas estavam completamente imersas em Deus. A fraqueza física que veio sobre nós também era grande.”

A Segunda Aparição Eu sou o Anjo de Portugal

Lúcia descreveu a segunda aparição:

“A segunda aparição deveu ser no pino do Verão, nesses dias de maior calor, em que íamos com os rebanhos para casa, no meio da manhã, para os tornar a abrir só à tardinha. Fomos, pois passar as horas da sesta à sombra das árvores que cercavam o poço já várias vezes mencionado. De repente, vimos o mesmo Anjo junto de nós.

‘Que fazeis? Oraí, oraí muito! Os Corações Santíssimos de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios.’

Lúcia perguntou: “Como nos havemos de sacrificar?”

“De tudo o que puderes, oferecei um sacrifício ao Senhor em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar.”

Devemos ler e reler estas descrições das aparições do Anjo para apreciar como são concisas e límpidas, assim como a nobreza em todos os pedidos e atitudes. Não encontramos nelas alguma grosseria, nada de incongruente, infantil ou banal. Nem há algo de enfático ou artificial, que trairia a voz de um teólogo. Não, não há mais do que verdades profundas, expressas com simplicidade e com vigor.

As palavras do Anjo, pronunciadas durante cada uma das suas três aparições, formam um todo, perfeitamente coerente. Veremos mais tarde em pormenor as partes mais importantes da catequese angélica.

Consideremos aqui um pequeno pormenor, que faz lembrar as grandes teofanias bíblicas. É a interpelação – tão abrupta e eloquente – que o Anjo faz aos pastorinhos enquanto brincavam. Encontra-se, palavra por palavra, no Livro dos Reis, quando a Voz de Deus falou a Elias no Monte Horeb: ***“Que fazes tu, Elias?”*** (1 Reis 19:9, 13). Foi o mesmo com os videntes de Fátima: ***“Que fazeis? Oraí! Oraí muito!”***

A lição não foi em vão. No Outono, quando ele voltou pela última vez para lhes distribuir o Pão dos Anjos, os pastorinhos já não estavam a brincar, mas prostraram-se no chão e repetiram a oração que o Anjo lhes tinha ensinado.

O próprio Francisco – que não podia ouvir as suas palavras e as entendia com dificuldade quando a Lúcia as repetia – foi cativado pela beleza do Anjo e pela intensidade da luz sobrenatural que o acompanhava.

A Terceira Aparição O Anjo da Eucaristia

A Irmã Lúcia anotou a altura da terceira aparição do Anjo:

“A terceira aparição parece-me que deveu ser em Outubro ou fins de Setembro, porque já não íamos passar as horas da sesta a casa.”

Nesse dia os três pastorinhos tinham ido apascentar os seus rebanhos na Pregueira, um pequeno olival que pertencia à família Santos, no lado sul do Cabeço.

“Depois de termos merendado, combinámos ir rezar na gruta que ficava a outro lado do monte. Demos, para isso, uma volta pela encosta e tivemos que subir uns rochedos que ficam ao cimo da Pregueira. As ovelhas conseguiram passar com muita dificuldade. Logo que aí chegámos, de joelhos, com os rostos em terra, começámos a repetir a oração do Anjo: *‘Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos...’*

“Não sei quantas vezes tínhamos repetido esta oração, quando vemos que sobre nós brilha uma luz desconhecida. Erguemo-nos para ver o que se passava e vemos o Anjo, tendo em a mão esquerda um Cálice, sobre o qual estava suspensa uma Hóstia, da qual caíam algumas gotas de Sangue dentro do Cálice. Deixando o Cálice e a Hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a oração:

‘Santíssima Trindade, Pai, Filho, e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.’”

“Então, levantando-se, tomou de novo o Cálice e a Hóstia e deu-me a Sagrada Hóstia a mim e o que continha o Cálice deu-o a beber à Jacinta e ao Francisco, dizendo ao mesmo tempo:

‘Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos! Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.’

“E prostrando-se de novo em terra, repetiu connosco outras três vezes a mesma oração: *‘Santíssima Trindade’...* e desapareceu.

“Movidos por uma força sobrenatural que nos envolveu, imitámos o Anjo em tudo; isto é, prostrámo-nos como ele e repetimos as orações que ele disse... Ficámos muito tempo nesta posição, repetindo muitas vezes as mesmas palavras. Foi o Francisco quem se deu conta das proximidades da noite. Foi quem disse nos advertiu e quem pensou em conduzir o rebanho para casa. Sentia que Deus estava em mim.”

Há uma gradação muito clara nas aparições do Anjo, e a terceira, que foi inteiramente preenchida pela Comunhão miraculosa dada aos videntes, marca verdadeiramente o ponto mais alto. Naquele dia, tiveram uma espécie de “Teofania Eucarística”, durante a qual lhes foi dado contemplar as gotas do Preciosíssimo Sangue que caíam da Hóstia Sagrada para o cálice.

Lúcia insistiu mais uma vez no estado de exaustão física em que a aparição angélica os precipitou:

“Na terceira aparição, a presença do sobrenatural foi ainda muitíssimo mais intensa. Por vários dias, nem mesmo o Francisco se atrevia a falar. Dizia depois: ‘Gosto muito de ver o Anjo; mas o pior é que, depois, não somos capazes de nada. Eu nem andar podia, não sei o que tinha!’

“Era uma graça tão sublime e tão íntima que o Francisco, todo absorvido em Deus, não tinha consciência clara da graça mística que tinha recebido e sentia confusamente. Depois de terem passado os primeiros dias e de termos voltando ao normal, o Francisco perguntou: ‘O Anjo deu-te a Sagrada Comunhão; mas a mim e à Jacinta, o que é que nos deu?’ ‘Foi o mesmo, a Sagrada Comunhão,’ respondeu a Jacinta, transbordando de incontável alegria. ‘Não viste que era o Sangue que gotejava da Hóstia?’ O Francisco respondeu: ‘Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia de que maneira!’”

“Desde esse momento (Verão de 1916), começámos a oferecer ao Senhor tudo o que nos mortificava, mas sem discorrermos a procurar outras mortificações ou penitências, excepto a de passarmos horas seguidas prostrados por terra, repetindo a oração que o Anjo nos tinha ensinado...”

“Depois, quando nos prostrávamos para dizer essa oração, o Francisco era o primeiro a sentir o incómodo dessa posição; mas permanecia de joelhos ou sentado, rezando também, até que nós acabássemos. Depois dizia: ‘Eu não sou capaz de estar assim tanto tempo como vocês. Doem-me as costas tanto que não posso.’”

Todavia, foi o próprio Deus Que enviaria aos Seus escolhidos os sacrifícios mais meritórios. Lendo as *Memórias da Irmã Lúcia*, torna-se claro que as pesadas tribulações que iriam abater-se a sua família coincidiam quase exactamente com a altura das primeiras aparições. Pouco a pouco, a atmosfera familiar tornou-se mais infeliz, e isto era ainda mais doloroso para a vidente porque, até então, tinha conhecido uma alegria não mitigada no meio da sua família, que ela estimava ternamente e que a estimava por sua vez.

A Irmã Lúcia comentou:

“Apesar de ser criança, compreendi perfeitamente a situação em que nos encontrávamos. Lembrava-me então das palavras do Anjo:

‘Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar’.

“Retirava-me, então, a um lugar solitário, para, com o meu sofrimento, não aumentar o de minha mãe. (Este lugar era, por ordinário, o nosso poço). Aí, de joelhos, debruçada sobre as lajes que o cobriam, juntava às suas águas as minhas lágrimas e oferecia a Deus o meu sofrimento. Por vezes, a Jacinta e o Francisco vinham encontrar-me assim amargurada. E como eu tinha a voz embargada pelos soluços e não podia falar, eles sofrendo comigo a ponto de derramarem também abundantes lágrimas.”

Estas tribulações não esmagavam os videntes; o Anjo anunciava aos pastorinhos estes sofrimentos e convidava-os a oferecê-los em reparação pelos pecados dos homens, para a consolação de Deus e a conversão dos pecadores. Por uma graça infusa, as palavras do Anjo penetraram nas suas almas muito profundamente:

“Estas palavras ficaram impressas indelevelmente nas nossas cabeças. Eram como uma luz que nos fazia compreender Quem é Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrifício, como ele Lhe agrada e como, através dele, dá a graça da conversão aos pecadores. Foi por esta razão que começámos, daí por diante, a oferecer ao Senhor tudo o que nos mortificasse.”

Graças ao ministério do Anjo, que se tornara o seu mestre e catequista, os pastorinhos aprenderam a rezar e a oferecer os seus sacrifícios. Santificados pelo Pão dos Anjos, ficaram prontos, a partir dali, para dar as boas-vindas à Rainha do Céu e dar testemunho das Suas aparições e da Sua Mensagem até ao ponto do heroísmo.

Em Fátima, as palavras do Anjo, embora breves, já se apresentam como uma primeira formulação, uma primeira síntese da singular mensagem que constitui para o nosso tempo uma condensação do Evangelho, ou, melhor ainda, pelo seu carácter preciso e dogmático, um catecismo perfeitamente adaptado aos nossos tempos de apostasia. Isto é tão verdadeiro que por vezes, como veremos, parece ser *quase profético*.

Com os nossos três pastorinhos, “**Sejamos crianças de novo,**” segundo o Evangelho, e deixemo-nos ser ensinados pelo Mensageiro do Céu.